

CARRETEL

FUNDAÇÃO IBERÊ

#4

JANEIRO
FEVEREIRO
MARÇO
ABRIL
2020



FOTO: SAMANTHA ROSA

#06

Tapeçarias e cerâmicas de Iberê Camargo em exposição inédita

#12

Álvaro Siza: o arquiteto que mudou a paisagem da orla

#18

Um carnaval que entrou para a história da arte

+

+ Bienal do Mercosul
+ Nathalia Timberg
+ Hamilton de Holanda

ARTE NAS ESCOLAS

Ter acesso a atividades culturais e a obras de arte não é apenas um bom caminho para adquirir e ampliar conhecimentos. É também um estímulo ao desenvolvimento da criatividade, da sensibilidade e da força de expressão. Foi para valorizar essas possibilidades de aprimoramento pessoal, intelectual e emocional que a Prefeitura de Porto Alegre e a Fundação Iberê uniram-se numa iniciativa que beneficia estudantes da rede municipal de ensino.

Desde junho do ano passado, o Iberê nas Escolas proporciona a 250 alunos do Ensino Fundamental de seis escolas localizadas na Zona Sul de Porto Alegre uma nova rotina para se ocuparem no turno inverso ao das aulas regulares, com oficinas em que são incentivados ao trabalho em equipe, à criatividade, ao empreendedorismo e ao desenvolvimento do senso crítico e estético, tendo sempre as linguagens da arte como fio condutor.

Também fazem parte do programa ciclos de visitas à Fundação Iberê, onde as obras expostas aguçam a curiosidade e o imaginário dos alunos. Depois, de volta ao ambiente escolar, eles se inspiram no que viram lá para se exercitar em suas próprias criações. Em uma dessas ocasiões, por exemplo, os estudantes foram ver a exposição que reunia retratos e autorretratos de Iberê Camargo. Em aula, o exercício foi uns desenharem retratos dos outros, com o desafio de não olharem para o papel enquanto produziam os trabalhos.

Essa parceria entre a Prefeitura e a Fundação atende aos propósitos de uma e de outra em mão dupla. Do lado da Prefeitura, a intenção é fazer da educação integral um meio verdadeiramente eficaz para melhorar o desempenho e a capacidade intelectual e cognitiva dos estudantes. Pelo lado do centro cultural, vinha sendo amadurecida há tempos a possibilidade de levar atividades para fora do museu e ir ao encontro da comunidade.

Com os bons resultados mostrados pelo programa, a expectativa agora é aumentar o número de estudantes envolvidos. Para os alunos que participam dessa proposta, a interação entre a escola e o mundo exterior também estimula neles o desejo de promover transformações ao seu redor. Pois a convivência com a arte e a cultura é também uma forma de exercer cidadania.



Foto: Joel Vargas/PMPA

▶ **NELSON MARCHEZAN JR.**
Prefeito de Porto Alegre



Fundação Iberê

CONSELHEIROS

Jorge Gerdau Johannpeter
Presidente
Arthur Bender Filho
Beatriz Bier Johannpeter
Fábio Brun Goldschmidt
Fernando Antônio Lucchese
Fernando Luís Schüller
Hermes Gazzola
Jayme Sirotsky
Lia Dulce Lunardi Raffainer
Nelson Pacheco Sirotsky
Renato Malcon
Rodrigo Vontobel
Tárik Potthoff
Wagner L. dos Santos Machado
William Ling

Conselho Fiscal

Carlos Tadeu Agrifoglio Vianna
Gilberto Schwartzmann
Heron Charneski
Pedro Paulo Oliveira de Sá Peixoto
Ricardo Russowsky
Volmir Luiz Gilioli

Diretores

Justo Werlang
Diretor-Presidente
Mathias Kisslinger Rodrigues
Vice-Presidente
Antônio Augusto Pinent Tigre
Anik Ferreira Suzuki
Carlos Cesar Pilla
Daniel Skowronsky
Ingrid de Kroes
Patrick Lucchese
Pedro Domingues Chagas

EQUIPE

Diretor-Superintendente
Emilio Kalil
Superintendência-Executiva
Robson Bento Outeiro
Acervo/Ateliê de Gravura
Eduardo Haesbaert
Gustavo Possamai
Educativo
Lêda Fonseca, consultora
Larissa Fauri, coordenadora
Omar Flores, agendamento
Carolina Kneipp, mediadora
Gabriel Farias, mediador
Gabriela Mathias de Castro, mediadora
Jordana Lima, mediadora
Marina Feldens Malcon, mediadora
Patrocínios e Parcerias
Gabriela Munhoz
Comunicação e Imprensa
Roberta Amaral, coordenadora
Arthur Marques
José Antônio Kalil
Gestão do site e TI
Machado TI
Administrativo/Financeiro
Carolina Miranda Dorneles
Guilherme Collovini, estagiário
Consultoria Jurídica
Silveiro Advogados
Clube Iberê
Maria Luiza Sacknies
Operacional
Dudu Lorenzetti
Fernanda Marczak, assistente
Produção
Thiago Araujo
Conservação e Manutenção
Lucas Bernardes Volpatto, consultor
Arnaldo Henrique Michel, encarregado
Jonathas Rosa dos Anjos, assistente
Secretaria
Luciane Zwetsch
Zeladoria
Maria Lunardi
Receptivo
Henrique Ferrari
Orientação de Público
Fernanda Queiroz
Laura Palma
Natália Brock
Guilherme Rangel

CARRETEL
FUNDAÇÃO IBERÊ

Editores

Emilio Kalil
Roberta Amaral

Projeto Gráfico e Diagramação

POMO estúdio

Conselho Editorial

Adriana Martorano
Luiz Gonzaga Lopes
Roger Lerina

Impressão

Ideograf Gráfica e Editora

FEMINISMO(S): visualidades, ações e afetos

O título da 12ª Bienal do Mercosul instala uma interrogante que remete ao atrito central da cultura democrática contemporânea: a participação da sociedade a partir do conceito de diferença entendida como multiplicidade e não como separação. Toma também como ponto de partida as perguntas propostas pela teórica Nelly Richard em seu livro "Masculino/Femenino" (1993), que, em determinados sentidos, reinscrevem no contexto latino-americano das transições democráticas as reflexões sobre o filme de Jean-Luc Godard (1966). As interrogantes remetem ao lugar social do feminino às suas construções, seus riscos e o salto a respeito das lógicas binárias excludentes.

As perguntas estão plenamente vigentes, especialmente em um momento em que o feminino retoma agendas não cumpridas desde os anos 1970, recolhe os questionamentos dos 90 e amplia suas urgências como consequência no incremento da violência contra as mulheres e os feminino(s) LGBT+; o aumento da pobreza e os sistemas de exclusão e de discriminação; a observação crítica e atenta dos programas que observam os recursos naturais do planeta.

A Bienal propõe elaborar um contrato sensível, uma zona de intercâmbios de visualidades, ações e afetos que permitam confirmar a riqueza da vida democrática sem fugir da sua complexidade. Feminismo(s) destaca a relevância da criatividade para fracionar limites e condicionamentos. Inspira-se, nesse sentido, em uma frase poética de Carolina Maria de Jesus, camponesa, poeta e cronista afro-brasileira, que encontrava intervalos entre o trabalho e o cuidado dos seus filhos para a literatura. Ela escrevia na riqueza da favela, apesar das limitações impostas por violências raciais (pós) coloniais. Escrevia "Até a chuva passar".

A palavra e as imagens foram depositadas nas suas folhas, desenhando territórios que apontam para uma liberdade possível. Porque a escrita explora os limites que as circunstâncias determinam sobre a linguagem. A essas condições de criação, provavelmente, se referia Clarice Lispector quando falava sobre a tarefa de trilhar impossibilidades: "Não posso escrever tudo o que sei". Escrevia ao mesmo tempo em que se referia ao "luxo do silêncio".

Mais que a obviedade dos sentidos, deslocados em um tempo em que os lugares comuns se veem reduzidos, em uma comunicação plena, o diagrama expositivo da Bienal aponta à leitura atenta de uma comunidade interpretativa capaz de abordar uma malha de sensibilidades e discursos que admitem o dissenso como mola da argumentação e da deliberação.

Feminismo(s) se concentra nas propostas de artistas mulheres e de todas as sensibilidades não binárias, fluídas, não normativas. Principalmente aquelas que se expressam na sua oposição às mais diversas formas de violência. Feminismo(s) se expande com as propostas de artistas homens que, como sócios ou aliados, compartilham o desejo de uma ordem social menos opressiva e discriminatória em termos de gênero. Feminismo(s) se enriquece com a criação daqueles que trabalham com materiais e técnicas tradicionalmente atribuídos às artes do feminino e, portanto, consideradas inferiores. Feminismo(s) aspira a compartilhar o exercício coletivo de inventar novas formas de fazer, de dizer, de pensar e de criar. Uma plataforma que atue como um fórum e como um coro de expressões e escutas. Quer funcionar como um espaço no qual se dê a mutação da estrutura tradicionalmente excludente das representações simbólicas e culturais que regem o mundo das artes.

Nesse sentido, a Bienal não deseja pousar em Porto Alegre como um objeto estranho, mas sim, para dialogar intensamente com o lugar. Muitas das suas obras terão origem na participação das pessoas. A dimensão educativa passa a ser um elemento chave para criar territórios de intercâmbios, debates e encontros entre os diferentes públicos que atravessam e criam as suas próprias bienais.

A Bienal se propõe como um espaço de celebração coletiva do pensar e do criar juntos para fazer frente, com liberdade e imaginação crítica, aos novos desafios de fortalecer um pacto democrático que amplie e diversifique os contornos da cidadania.

ANDREA GIUNTA ▶
Curadora da
12ª Bienal do Mercosul



Foto: Divulgação

IBERÊ NAS ESCOLAS



De junho de 2019 a janeiro de 2020, o Programa Iberê nas Escolas esteve presente em seis escolas da rede municipal de ensino em Porto Alegre. Ao todo 250 alunos foram atendidos, divididos em dez turmas, no turno inverso das aulas com atividades propostas por arte-educadores, que vão desde trabalhos artísticos a brincadeiras lúdicas, com o objetivo de auxiliar a formação dos alunos nos quatro eixos de ensino: letramento, numeramento, iniciação científica e educação do sensível.

Nestes poucos meses de execução do projeto, alguns importantes impactos já podem ser percebidos, não só nas crianças participantes, mas também no legado deixado às escolas.

Na *EMEF Neusa Brizola*, o espaço intitulado **Jardim Árvore da Vida** foi escolhido para a revitalização, por ser a área em que mais gostavam de permanecer nos horários de intervalo. Os alunos participaram de todas as etapas de ideação e construção, contando com o apoio dos arte educadores, jardineiro, oficinairos, além de professores e alunos de outras turmas da escola. Foram utilizados materiais reciclados, como pneus, garrafas pets e pallets para a elaboração do mobiliário que ficará, permanentemente, na escola para o uso de todos os alunos.

Já na *EMEF Gabriel Obino*, a turma de alunos criou a **Horta dos Sentimentos** e uma **Biblioteca Ambulante** com livros de literatura e materiais de contação de histórias, como personagens de pano, colcha de bordados e tapete, que agora estão disponíveis para uso de todas as crianças da escola.

Os trabalhos de revitalização ou benfeitorias no espaço escolar contou ainda com a pintura de brincadeiras e amarelinhas nos pátios das *EMEFs Gabriel Obino e Lidovino Fanton*. Em praticamente todas estas iniciativas, a reutilização de materiais descartados promoveu uma conscientização sobre o lixo gerado, consumo consciente e o descarte adequado. A abordagem desses temas foi importante para que os estudantes olhassem para a escola e sua comunidade, inclusive gerando debates sobre o lixo com suas famílias.

As visitas à Fundação Iberê também são ações multiplicadoras. Os professores que entram pela primeira vez o espaço descobrem que a instituição tem entrada gratuita e lá podem participar de diversas atividades culturais e de formação, além das exposições. Os alunos também levam para suas famílias essa descoberta, e isso gera novos retornos, bem como os aproxima das profissões envolvidas nas artes, como as de mediadores, artistas, curadores e gestores, proporcionando às crianças e adolescentes novas perspectivas nos campos de estudo e trabalho.

Como uma iniciativa da Secretaria de Educação, da Prefeitura de Porto Alegre, em complementar o turno inverso nas escolas, esta foi a primeira edição do Iberê nas Escolas. O programa contou ainda com o apoio da Viação Ouro e Prata, que levou alunos das seis escolas para visitas mediadas na instituição em 2019.



Fotos: Anselmo Cunha - Agência Preview

IBERÊ CAMARGO

O Fio de Ariadne

*Exposição inédita na Fundação Iberê
apresenta um conjunto de trabalhos
de cerâmica e tapeçaria*

Durante as décadas de 1960 e 1970, além de sua intensa produção em pintura, desenho e gravura, Iberê Camargo realizou trabalhos em cerâmica e tapeçaria. Eles respondiam a uma demanda do circuito de arte, herdada da utopia modernista, que preconizava o conceito de síntese das artes; uma colaboração estreita entre arte, arquitetura e artesanato. Pelas mãos das ceramistas Luiza Prado e Marianita Linck Iberê realizou, nos anos 1960, um conjunto de pinturas em porcelana, com resultados surpreendentes. Na década seguinte selecionou um conjunto de cartões, que foram transformados por Maria Angela Magalhães em impactantes tapeçarias. Muito presentes na arquitetura da época essas grandes tapeçarias eram chamadas por Le Corbusier de "murs nômades".

Há algum tempo a Fundação Iberê Camargo vinha estudando essa faceta da produção do artista e a oportunidade de apresentá-la surgiu paralelamente à realização, pela primeira vez nas dependências da instituição, da Bienal do Mercosul. A conjuntura feminina que permeou a produção dessas tapeçarias e cerâmicas revelou grande afinidade com o conceito da 12ª Bienal, que abordará o tema "feminino(s), visualidades, ações e afetos". Convidada pela Fundação a desenvolver esse projeto a curadora Denise Mattar, juntamente com Gustavo Possamai, da equipe do Acervo, expandiu essa percepção inicial, revelando o fio de Ariadne: a urdidura feminina que apoiou o trabalho de Iberê Camargo ao longo de sua história.



▲
Iberê Camargo observando sua
produção de pintura em porcelana no
ateliê de Luiza Prado, Porto Alegre, 1961
Acervo Fundação Iberê



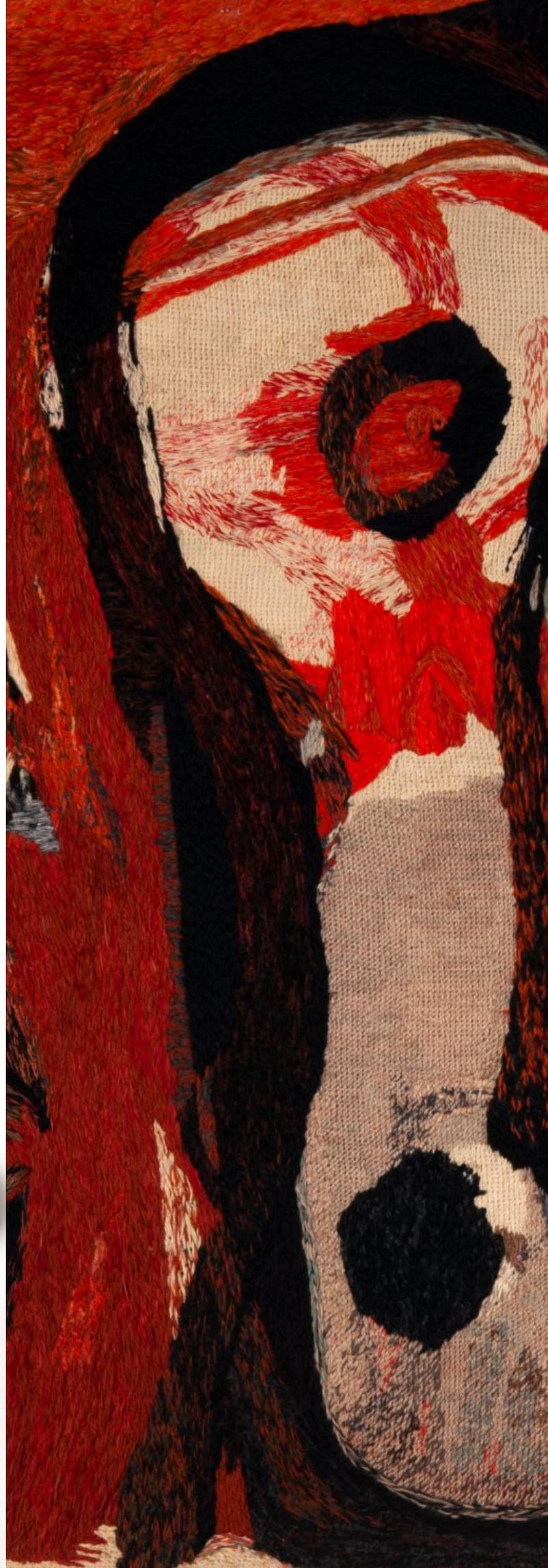
Signos, c. 1975,
(detalhe)
produzida com a colaboração do ateliê de
Maria Angela Magalhães
tecelagem com fios de lã, seda e algodão
tingidos sobre tela de algodão 152 x 246 cm
coleção Ana Maria e Carlos Fragoso Senra, Lisboa
foto: Fábio Del Re_VivaFoto

Segundo a lenda grega, Teseu foi desafiado a matar o Minotauro, que vivia no Labirinto de Creta do qual era impossível escapar. Ariadne, filha do Rei Minos, resolve ajudar o herói e lhe entrega um novelo de lã, tecido por ela, instruindo-o a desenrolá-lo à medida que adentrasse o labirinto. Assim, depois de matar o monstro, o fio de Ariadne foi o guia que levou Teseu à saída. O mito de Ariadne, que tem inúmeras interpretações filosóficas e psicológicas, mostra também como o apoio de uma mulher pode levar o herói à vitória.

A exposição reunirá cerca de 30 cerâmicas, 7 tapeçarias de grandes dimensões e seus cartões pintados por Iberê, além de gravuras e matrizes. Será complementada por uma cronologia ilustrada reunindo fotos e depoimentos de algumas das mulheres que marcaram presença na vida de Iberê. Entre elas: sua esposa Maria Coussirat Camargo, a artista Djanira, as ceramistas Luiza Prado e Marianita Linck, a artista Maria Tomaselli, a tapeceira Maria Angela Magalhães, a gravadora Anna Letycia, a escritora Clarice Lispector, as gravadoras Anico Herskovits e Marta Loguércio, a galerista Tina Zappoli, a produtora cultural Evelyn Ioschpe, a cantora Adriana Calcanhotto e a atriz Fernanda Montenegro.



▲
sem título, 1965
esmalte cerâmico sobre tigelas
de porcelana industrial
diâmetro: 13,3 cm cada
Acervo Fundação Iberê
foto: José Manuel Costa Alves



HUMANIDADE, SEMELHANÇA E AFETO

Quando os gêmeos com Síndrome de Down Antônio e Carlos nasceram, há 64 anos, o médico disse à família que eles não passariam dos 16. Três décadas depois veio Taerê com a mesma síndrome. Antônio faleceu em 2019. Carlos e Taerê seguem a vida tranquilos no sítio da família, em Atibaia, interior de São Paulo. Eles têm uma rotina e funções bem específicas dentro de casa: arrumam a própria cama, põem a mesa, secam a louça, ajudam com a horta, com o jardim, alimentam os animais.

Nesse universo de cuidado e muito amor cresceu a fotógrafa Ilana Bar, sobrinha dos gêmeos e irmã de Taerê. Ainda muito nova, tomou gosto pela fotografia. Os primeiros cliques foram feitos em casa, com os pais, os irmãos, os tios e depois com o sobrinho. De alguma forma, ela tentava se incluir nas próprias imagens. Afinal, é membro da família e representa ali o universo feminino dos Bar.

Espontâneas ou posadas, com a direção pontual da artista e em coautoria dos fotografados, os retratos só aconteceram pela intimidade, são composições que

remetem aos afetos diários. O trabalho de Ilana propõe que o observador entre no universo afetivo da família, entremeando-se entre a dimensão onírica e a realidade. Ela provoca uma reflexão sobre o verdadeiro significado de "beleza".

A Síndrome de Down não é o tema específico de sua mostra no FesFoto 2020, e, sim, as relações humanas estabelecidas. A autora utiliza da fotografia para manifestar um universo afetivo e poético. Esse deixar-se ver, íntimo e sincero, é uma reflexão humana sobre vida, beleza, diferença e afeto.

"Comecei a fotografar pela experiência mesmo. A nossa casa é o lugar perfeito para experimentar, onde se pode errar, analisar, tentar de novo, insistir. E, aos poucos, fui percebendo que gostava de representar a intimidade, os afetos. E isso foi tomando forma de maneira orgânica. No meu trabalho misturo o sonho e a realidade, o cotidiano e a ficção. É dessa mesma maneira que a memória humana trabalha, toda história tem vários ângulos e várias versões. Nada há uma verdade absoluta. E até mesmo a ficção tem um fundo de verdade", destaca.



Foto: Ilana Bar



O PLANETA PEDE SOCORRO

☞ Quem tem medo dos fotógrafos? Quem tem medo de fotografias? Quem não quer ver imagens produzidas em espaços públicos? Marchas, atos, intervenções artísticas, greves de fome e acampamentos servem para diferentes atores sociais apresentarem suas opiniões, propostas e demandas. Os protestos são a forma pela qual diferentes grupos lutam para tornar visíveis suas demandas, seus modos de pensar, ver e sentir. Os fotógrafos são um elo fundamental nesse processo de visibilidade social. O que acontece na rua atinge a opinião pública em massa por meio de suas imagens, e essas fotografias podem ajudar a gerar aprovação ou rejeição, podem influenciar seu sucesso ou fracasso. Ao longo da história Argentina, o trabalho de fotógrafos permitiu denunciar tentativas de impunidade, expandir os limites do visível, evitar as proibições, trazer à tona a repressão e mostrar o que era mantido em segredo. Muitas vezes, essas limitações foram o ponto de partida para novas formas de criatividade e iniciativas coletivas. Apesar de tentarem reduzir o trabalho do fotojornalismo, nós já sabemos: é impossível cobrir o sol com as mãos.

Cora Gamarnik
curadora

▼ Janela. Foto: Rodrigo Zeferino

Eletroimã. Foto: Rodrigo Zeferino ▲





Pelo segundo ano consecutivo, a Fundação Iberê abre suas portas para o Festival Internacional de Fotografia de Porto Alegre - FestFoto 2020, que, desta vez, aborda as emergências do sul global. O tema não trata de uma região geográfica com limites precisos, mas do resultado do compartilhamento de condições de transitoriedade que provoca a urgência de soluções sociais.

A 13ª edição ocupará o Átrio e outros dois andares com trabalhos de aproximadamente 45 fotógrafos e artistas visuais, como o mineiro Rodrigo Zeferino, vencedor do XV Prêmio FCW de Arte, um dos mais importantes do Brasil, oferecido pela Fundação Conrado Wessel de 2017. Ele desbancou mais de 500 profissionais com o ensaio O Grande Vizinho, sobre a estranha paisagem urbana de Ipatinga, sua terra natal, que cresceu em torno de uma grande usina siderúrgica, a Usiminas. Ano passado, também venceu o Foto em Pauta, do Festival de Fotografia de Tiradentes, e, como prêmio, teve seu projeto publicado em livro.

Surgida em 1960, a cidade é o ponto final de uma cadeia produtiva que, nos últimos anos, vem assumindo contornos cruéis. É destino de boa parte do minério arrancado das montanhas mineiras, que, por sua vez, é transformado em aço e devolvido à sociedade em forma de automóveis, celulares e utensílios domésticos, por exemplo. Este é o mesmo minério, cujo processo de exploração trás consigo consequências ambientais e humanas já bem conhecidas.

A série Máquina-Terra é derivada de O Grande Vizinho. As primeiras fotos foram compartilhadas, em 2017, nas redes sociais e na imprensa. Após uma longa negociação com a empresa, ele recebeu autorização para fotografar com “liberdade criativa” e circular por todos os locais desejados nas áreas internas. "O objetivo não era retratar os processos com a fidelidade em que acontecem, mas mostrar uma visão desconstruída dos ambientes", destaca Zeferino.

Para o FestFoto, Zeferino convidou outros expoentes da fotografia e da arte no Brasil para abordar as emergências ambientais: João Castilho (Partículas Metálicas), Júlia Pontés (Veias Minerais) e Pedro David (Mar de Morro).

República das Bananas

Chama a atenção também a mostra individual "República das Bananas", do paranaense Shinji Nagabe. Ao retratar de maneira satírica as transformações sociais e políticas, a violência, a religiosidade extremada e uma volta ao controle de costumes em um marcante retrocesso na garantia de liberdades individuais, Nagabe mergulha na república fictícia e pede uma reflexão sobre o papel de cada um nos rumos escolhidos e aqueles que ainda iremos escolher.

O festival apresenta, ainda, uma seleção de fotos sobre o cenário político na Argentina. A mostra tem curadoria de Cora Gamarnik, doutora em Ciências Sociais, professora na Universidade de Buenos Aires e uma das coordenadoras da Área de Estudos em Fotografia da Faculdade de Ciências Sociais da UBA.

FestFoto 2020

Programação completa em
www.festfoto.art.br



IBERÊ CAMARGO MATERIALIZADO POR ÁLVARO SIZA

O Museu de Arte Contemporânea de Serralves, em Portugal, apresentou recentemente a exposição Álvaro Siza - In/Disciplina, em homenagem aos 86 anos do arquiteto e à obra do primeiro português a conquistar o prêmio Pritzker, considerado o “Nobel” da arquitetura.

In/Disciplina apresentou 400 desenhos e 30 projetos ilustrativos - alguns jamais saídos do papel - ao longo de seis décadas, desde a primeira construção de um conjunto de casas em Matosinhos (1954) até ao arranha-céus que assinou recentemente, em Nova Iorque. O material incluiu maquetes, fotografias, plantas e esboços de obras, como o Pavilhão de Portugal (Lisboa), o famoso prédio Bonjour Tristesse (Berlim) e a Fundação Iberê (Porto Alegre).

A Fundação é o único trabalho de Siza no Brasil e de efetivo impacto internacional desenvolvido a partir de 1998. Implantado num terreno de uma antiga pedreira desativada, às margens do lago Guaíba, o edifício tornou-se uma das imagens referenciais da cidade.

Sua arquitetura capta o espírito angustiado e complexo de Iberê Camargo, materializado na espacialidade interna labiríntica de passarelas suspensas, em contraste com a abertura e regularidade das salas expositivas. O caráter expressionista e sombrio das obras do artista contrastam com a brancura do espaço. A escolha de Siza veio ao encontro do artista.

«Siza captou muito bem a personalidade do homenageado, conseguindo materializar em forma arquitetônica toda a angústia de Iberê. Só que, como num gesto de mútuo

acordo, para não entrar em conflito com o dono da casa, fez isso em tons de branco e a uma distância respeitosa de suas telas. O edifício, nesse sentido, é praticamente dividido em dois. De um lado a complexidade e a tensão das formas, a 'metáfora do labirinto', e, de outro o 'cubo branco', o lugar onde repousam as carregadas telas de Iberê”, recorda o arquiteto Flávio Kieffer.

O centro cultural era o sonho de Iberê

Por toda a vida, Iberê Camargo e sua mulher Dona Maria tiveram todos os cuidados para que as obras perpetuassem intactas. Trataram de formar uma coleção completa, documentaram cada passo, chamaram bons fotógrafos e deixaram todas as pistas para uma boa reconstituição biográfica.

O sonho de ter a própria Fundação estava delineado antes mesmo da morte do pintor, em 1994, e sua viabilização foi muito rápida. No ano seguinte já ocupava a casa-atelier de Iberê, no bairro Teresópolis. Artistas convidados mantinham a prensa de gravuras funcionando, curadores selecionavam obras para expô-las na "casa-fundação" e pesquisadores, curadores e críticos foram envolvidos em um processo de pesquisa, catalogação e discussão dos destinos do centro cultural.

Siza chegou a Porto Alegre, em maio de 2000, com a maquete do projeto pronta. “Temos que trabalhar como um alfaiate aqui”, disse o arquiteto na época, ao se referir à necessidade de ajustar um espaço museográfico condizente com as obras de Iberê. O terreno que abriga a fundação também era outra dificuldade para o arquiteto: “Estou trabalhando numa parte muito especial da cidade, com uma vista belíssima para o Guaíba, em um terreno localizado na encosta com vegetação e que tem que ser ocupada por um edifício por não dispor de muito espaço. Isso criou uma grande dificuldade no projeto. Mas os projetos se desenvolvem melhor a partir de grandes dificuldades”.

Nesses 8.250 m2 de área total, a construção de Siza também faz questão de reforçar a importância do entorno, com janelas emolduradas para o Guaíba como se fossem quadros vivos. A indicação é que os visitantes subam de elevador ao quarto andar assim que chegam ao museu. De lá, a própria construção irá guiar a visita e os andares devem ser descidos por rampas que entram e saem do corpo do edifício como se fossem braços. "O resultado final é uma atmosfera normativa igualitária que, em virtude do seu acabamento material discreto, declara a sua acessibilidade para a sociedade", destaca Kiefer.

Siza: 86 anos em plena atividade

Considerado um dos nomes mais aclamados do mundo da arquitetura, Álvaro Joaquim de Melo Siza Vieira nasceu em 25 de junho de 1933, na cidade de Matosinhos, em Portugal. No início dos anos 1950 se mudou para o Porto para estudar na Escola Superior de Belas Artes. Paralelo à faculdade, realizou outro sonho: abrir seu próprio escritório e dar início a projetos residenciais de pequeno porte.

A paixão pela arquitetura e ao ensino são dois pontos fortes na vida de Siza. Seu currículo como professor inclui as universidades de Porto (até hoje); Harvard, no Estados Unidos; a Universidade dos Andes, na Colômbia; na Escola Politécnica de Lausanne e outras instituições consagradas ao redor do mundo.

Estamos falando de um dos principais arquitetos do século 20 e que, até hoje, aos 86 anos, assina projetos e grandes realizações. Um dos aspectos interessantes da trajetória de Siza é seu interesse inicial pela escultura. Compreendida por

muitos como uma continuidade do que foram o pensamento e o princípios do modernismo, é realmente possível perceber em sua obra a influência de um dos grandes do movimento moderno: o arquiteto e designer Alvar Aalto (1898 - 1976).

Rotulado como um arquiteto moderno e orgânico, Aalto sempre fez questão de incorporar um elemento da paisagem e da tradição de seu país em sua obra: o uso da madeira, muitas vezes reciclada, tanto nos móveis como nas edificações.

"O melhor comitê de padronização é a própria natureza, mas nela a padronização se dá principalmente, ou quase exclusivamente, no campo dos menores elementos possíveis. Quer dizer, nas células. O resultado são milhões de combinações flexíveis onde não cabe o estereótipo. Outro resultado é a imensa riqueza e a variedade inesgotável das formas de crescimento orgânico". (Alvar Aalto)

Impossível definir a arquitetura de Álvaro Siza. Ela é, simultaneamente, moderna e tradicional, ao mesmo modo que apresenta uma sensibilidade em relação ao lugar onde se encontra.

As palavras não são suficientes, sua obra necessita de experiência humana. Como os primeiros modernistas, suas formas, moldadas pela luz, tem uma simplicidade. Se uma vista é desejada, uma janela é feita. Escadas, rampas e paredes, tudo parece ser predestinado num edifício de Siza. Esta simplicidade é revelada como uma grande complexidade. Há um domínio sutil sublinhando o que parece ser uma criação natural.



Eu não faço arquitetura com o objetivo de fazer algo diferente, de fazer algo novo. Certas coisas acontecem, e elas são construídas sobre uma base que tem de ser muito mais forte do que o desejo do arquiteto enquanto ser humano

Álvaro Siza
arquiteto



▲ Foto: Línges Ferreira

A VEZ DAS MULHERES NA BIENAL DO MERCOSUL

A Fundação Iberê recebe, pela primeira vez, um dos mais importantes eventos de arte contemporânea da América Latina. A Bienal de Artes Visuais do Mercosul chega à 12ª edição com o título Feminismo(s), Visualidades, Ações e Afetos, um tema que compreende o conceito de diferença como multiplicidade e não como separação.

Com curadoria geral da historiadora da arte latino-americana e professora da faculdade de filosofia e letras da Universidade de Buenos Aires, Andrea Giunta, a mostra conta com mais de 69 artistas de 25 países. Destes, 80% são mulheres, mostrando a representatividade que a edição promete. Serão 182 peças em exposição. O fio condutor é a arte das mulheres e de todos os gêneros, para além do binômio masculino-feminino.

☞ As afro-latino-americanas estão realizando uma obra absolutamente sofisticada que o público tem o direito de conhecer. As exposições não são feitas para mostrar sempre o mesmo, mas para permitir conhecer mais.

Andrea Giunta
curadora

A equipe de curadores conta ainda com a polonesa Dorota Biczal, professora de história da arte na Universidade de Houston (Estados Unidos), e com os brasileiros Fabiana Lopes, curadora independente radicada em Nova York e São Paulo, e Igor Simões, professor de história da arte da Universidade do Estado do Rio Grande do Sul (UERGS).

OS IMPACTOS DA TRANSFORMAÇÃO DIGITAL NA MODA



☞ Nos últimos 20 anos, a produção de moda cresceu mais de 400%. São mais de 7 bilhões de pessoas para vestir em todo planeta, é verdade, mas as indústrias precisam se tornar limpas e sustentáveis. É inaceitável a gigantesca quantidade de petróleo usada para fazer poliamidas e poliéster. Da mesma forma, o desmatamento desenfreado para plantar monoculturas de algodão. Na pecuária, um boi necessita de 40 mil litros de água para virar bife e couro. Isso não é fashion.

Alexandra Farah,
jornalista de moda e fundadora da WeAr Brasil

A fibra sintética - poliéster - mais usada na indústria têxtil em todo o mundo não apenas requer, segundo especialistas, 70 milhões de barris de petróleo todos os anos, como demora mais de 200 anos para se decompor.

A viscose, outra fibra artificial, é feita de celulose e exige a derrubada de 70 milhões de árvores todos os anos. Apesar de natural, o algodão também é a uma fibra cujo cultivo é o que mais demanda o uso de substâncias tóxicas em seu cultivo no mundo -

24% de todos os inseticidas e 11% de todos os pesticidas, com óbvios impactos no solo e na água. Uma simples camiseta necessita de mais de 2.700 litros de água para ser confeccionada.

Além do esgotamento de recursos naturais, há o fator social: a maioria das roupas são fabricadas em países asiáticos. Na Indonésia, por exemplo, o rio Citarum é um dos mais poluídos do mundo. Nas margens existem

cerca de 400 fábricas de têxteis que, diariamente, depositam lixo na água. Isto gerou uma grave crise de saúde pública, uma vez que as pessoas que vivem no entorno usam a água do rio para cozinhar, lavar roupa e tomar banho.

A jornalista de moda Alexandra Farah, uma das figuras mais respeitadas no mundo da moda, é colunista da Vogue e fundadora da WeAr Brasil, empresa que desde 2015 vem incentivando o desenvolvimento da moda do futuro. O projeto presta consultoria a empresas interessadas na revolução digital da indústria, unindo um hub de marcas e de startups de moda e de tecnologia para resolver questões nos campos da produção, do produto e do serviço.

Segundo ela, os próximos anos não serão tão revolucionários para o design. Há uma busca incessante para novas soluções, e a tecnologia tem ajudado a "pensar" na produção de uma roupa ou acessório sem destruir o planeta. A transformação digital também deixou tudo mais transparente. O caminho é comprar menos e com responsabilidade.



A sua carreira tem uma ligação direta com a tecnologia desde sempre, certo? Como isso começou?

Alexandra Farah - Poxa, não sei dizer ao certo. Sempre foi um caminho natural. Acho que desde o começo eu me interessei por tecnologia, por inovação, pelo novo. A tecnologia é fascinante porque antecipa uma mudança, mostra o mundo que está por vir, está presente em todos os discursos. Fui me interessando pela moda mais por influência do cinema, que era uma indústria criada a partir do avanço da tecnologia. Antigamente os cinemas eram vitrines para a moda, existia um Cine Shopping, depois a indústria da moda foi se especializando e criando outros meios de comunicação.

Atualmente, seu trabalho é muito pautado por questões de meio ambiente. Você tem um discurso super ligado à sustentabilidade.

Alexandra - Não dá para falar sobre moda, tecnologia, política, economia, comportamento, ou seja lá o que for, e não pensar em sustentabilidade. O planeta está acabando e, se não pensarmos além, em buscar soluções, nada vai mudar.

Qual o impacto entre a fusão desses mundos de tecnologia e a sustentabilidade?

Alexandra - Acredito que já estamos caminhando para evolução. As pessoas estão percebendo as mudanças conforme os assuntos são abordados e destacados, algo ligado à uma cadeia de valor. Existem discursos sobre a ideia transumana que são super interessantes, assim como a liberdade de fusão entre culturas e de respeito sobre diferenças.

Mas a tecnologia pode ser um facilitador ou um limitador.

Alexandra - A tecnologia está formando uma legião de inúteis, e esse é o lado ruim dessa esfera. Infelizmente, algumas pessoas se fragilizam ainda mais em resposta a não capacidade de acompanhar as mudanças. E isso também afeta o todo, mas não deixa de ser um caminho natural assim como em toda a evolução.

Você ainda acredita na revista de moda como um veículo relevante?

Alexandra - Não, isso aí está passado. É muito hardware. Depois da entrada do mundo do software, ninguém mais se interessa em consumir esse tipo de conteúdo e de produto. A moda morreu. Os anos 90 transformaram a indústria em um setor crítico. Aos poucos isso foi tomando força e hoje em dia está um caos. Eu não quero mais saber de estilistas. Não preciso de mais uma blusa, de mais uma calça, de mais uma roupa. Ninguém precisa desse tipo de consumo desenfreado. Tenho preguiça da moda que, hoje em dia, não se preocupa com o amanhã, com as inovações. Roupa tem que durar, não pode ser descartada e virar lixo a cada estação. O digital está aí pra ajudar.

Em casos mais específicos, será que essa plataforma ainda não é uma necessidade?

Alexandra - Acho que não. Mas isso talvez seja relativo, sabe? A tecnologia não vai substituir esses veículos antigos ao ponto de exterminar, de acabar com tudo. As coisas vão continuar existindo, nada vai mudar. A diferença é que para continuar existindo, serão necessários novos motivos, novas formas de comunicar e de fazer.

A origem do design tem a ver com a ideia de cumprir um papel de atender uma utilidade e, a partir daí, pensar na solução por meio da inovação. De nada adianta ter uma boa ideia e não ter uma boa capacidade de execução.

Isso tem alguma ligação direta com a ideia de sustentabilidade?

Alexandra - Noto que a indústria não se preocupa com embalagens, por exemplo. Pensam demais no produto e pouco na embalagem, que, além de influenciar na decisão de consumo, é o que fica para o mundo, o que gera lixo. Embalagens me interessam. Pensar em embalagens biodegradáveis ou que tenham uma solução menos poluente, de mais fácil reaproveitamento.

Como você percebe a relação dos jovens e da geração millennial com as redes sociais?

Alexandra - É um fenômeno. Acho sensacional as possibilidades, os recursos, as ideias. É muito bacana essa interação que surge a partir do jovem e essa facilidade em interagir com a tecnologia, em ter a intenção de fazer bom uso dessa ferramenta.

Por fim, a arte tem um papel fundamental nisso tudo?

Alexandra - A arte tem uma liberdade de interpretação meio filosófica que, às vezes, é meio cerebral demais, meio complexa, mas definidora. Já existem vários exemplos de aplicação da tecnologia na arte, já é uma realidade. Gosto de observar.



Fotos: Anselmo Cunha - Agência Preview



UM CARNAVAL QUE ENTROU PARA A HISTÓRIA DA ARTE

A Imperadores do Samba é a vice-campeã do Carnaval 2020 de Porto Alegre, com o enredo que homenageou Iberê Camargo

Mais de 1,4 mil carnavalescos atravessaram o Complexo Cultural Porto Seco com uma paleta de cores que transcendeu o vermelho e branco. Já passava das 6h do dia 8 de março, quando a escola entrou na avenida e emocionou o público. Era nítida e contagiante a comoção ao raiar do dia. Um momento ímpar de reencontro entre o erudito e popular, um desfile que vai marcar para sempre a história da Fundação Iberê.

Para o presidente da Imperadores, Érico Leoti, este foi um dos carnavais mais impactantes da agremiação: "Seguindo a tradição de integrar as diversas manifestações artísticas, escolhemos o erudito para que o público do carnaval perceba a sua riqueza: o momento em que um pintor coloca a alma na tela que se eterniza. Nosso sentimento é de orgulho e honra em poder levar à avenida a vida de Iberê, bem como o trabalho da Fundação. Tivemos como êxito um desfile alegre, engajado, onde podemos mostrar toda a nossa irreverência e expertise em fazer carnaval. Que a nossa parceria seja contínua, afinal, são apenas 750 metros que separam essas duas paixões. Uma distância muito curta entre a agremiação e a Fundação Iberê, que de uma forma intensa e profissional, guarda e difunde o acervo do artista que, muitas vezes, flertou com o carnaval. Nada mais justo que homenageá-lo. Foi um ano muito difícil e, ao mesmo tempo, prazeroso. O último desfile mostrou que somos, sim, a resistência do samba. Nosso sentimento é de muita gratidão."



▲ Fotos: Felipe Nogueira - Agência Preview

NATHALIA TIMBERG E HAMILTON DE HOLANDA REVISITAM IBERÊ CAMARGO

Dois grandes nomes da arte mergulharam na vida e obra de Iberê Camargo. A atriz Nathalia Timberg e o bandolinista Hamilton de Holanda apresentaram uma performance na Fundação Iberê Camargo para empresários, colecionadores de arte e apoiadores. A dupla trouxe à tona percepções de Iberê sobre seu processo criativo, suas pinturas e o cotidiano. Ou, como traduziu a própria intérprete, os textos eram "confidências do artista com sua arte e do homem com sua vida". Um dos momentos que mais emocionou Nathalia foi a homenagem à Maria Camargo, a guardiã do legado de Iberê e a mulher que idealizou o centro cultural.

Nascida em 28 de novembro de 1915, em Porto Alegre, Maria Camargo formou-se professora na Escola Sevigñé e, por se destacar nas aulas de desenho, foi aceita na antiga Escola de Belas Artes, atual Instituto de Artes da UFRGS. Lá, obteve a graduação em pintura e estudou com grandes professores da época, como Ângelo Guido, Francis Pelichek, Luis Maristany de Trias, Fernando Corona, José Lutzenberger e João Fahrion.

Foi em 1939 que Iberê Camargo a conheceu, sua colega em uma aula de História da Arte. Em novembro, eles se casaram. Reconhecendo o talento do marido, Maria começou cedo a guardar seus desenhos e o acompanhou nas mudanças e viagens que a carreira de pintor exigiria.

No Rio, enquanto Iberê estudava pintura, ela atuava como desenhista de arquitetura na Companhia Pederneiras. Mas também organizava os materiais de pintura do marido e fazia às vezes de agente. Também foi conselheira de Iberê, opinando sobre suas pinturas e sendo retratada em várias delas.

Durante os 54 anos em que esteve ao lado do pintor, Maria manteve uma série de cadernos nos quais anotou títulos, dimensões, datas, preços e nomes de compradores de pinturas e gravuras - documentos que hoje fazem parte do acervo documental.

Do momento da institucionalização do centro cultural até o fim da construção, Maria acompanhou todos os detalhes, foi presente e, até o fim de sua vida (2014), se emocionou com tudo que deixou para a história da arte.

Foto: Felipe Nogueira - Agência Preview



NOVE DÉCADAS DEDICADAS AO PALCO

O título resume a vida de Nathalia Timberg, que no dia 5 de agosto completa 91 anos. Por mais clichê que possa parecer, é difícil vê-la sem ficar de queixo caído ao se dar conta que você está cara a cara com uma lenda viva do teatro e da televisão brasileira.

Recentemente, ela trouxe a Porto Alegre o monólogo *Através da Iris*, em que interpreta a interessante Iris Apfel, uma designer nova-iorquina que tornou-se um ícone da moda, cheia de estilo e superativa. Iris continua trabalhando e viajando o mundo sozinha do alto de seus 98 anos. Um comportamento um tanto familiar para Nathalia.

"A minha ideia não era fazer uma biografia, mas trazer aquilo que fosse mais relevante entre os assuntos que permeiam a vida da Iris. A velhice, a solidão, a forma de lidar com a morte, o trabalho, o humor. Inclusive tem momentos da peça em que essa abordagem fica até meio dúbia. Você não sabe se está falando sobre a Iris ou sobre a Nathalia", conta.

Nathalia sonhava em ser médica, mas formou-se em Belas Artes, influenciada pelo gosto do pai pela pintura. No entanto, foi no palco que encontrou sua vocação. Pela atuação em *A Dama da Madrugada*, no Teatro Universitário, ganhou bolsa do governo francês para

estudar Artes Cênicas em Paris. De volta, aos 25 anos, estreou profissionalmente em *Senhora dos Afogados*, dirigida por Bibi Ferreira. Viveu sua primeira grande personagem na TV, a atormentada freira Maria Helena, em *O direito de nascer*, na Tupi.

A atriz troca qualquer badalação pelo estudo. Viúva do escritor Sylvan Paezzo, com quem foi casada por 15 anos, decidiu não ter filhos. Não se arrepende, é apenas reflexo de uma prioridade familiar. De origem judia, filha de pai e mãe belga, ela conta que os pais davam muito valor aos estudos dos rebentos. "Ela é uma workaholic mesmo, não para, emenda um trabalho no outro, é muito pique. E é uma mulher discreta, não gosta de dividir muitos detalhes sobre sua vida pessoal, e nem tem uma vida polêmica.", afirma Cacau Hygino, roteirista da peça e autor do livro *Nathalia Timberg – Momentos*, publicado em 2015.

A vida de Nathália é a própria arte: "Minha vida me aconteceu. Tenho tanta coisa para problematizar dos meus personagens que não sobra tempo para mim. Olho a Nathalia de vez em quando, para ver se está fazendo tudo direito, puxo minha orelha, mas vou em frente".



O JIMI HENDRIX DO BANDOLIM

Virtuoso, brilhante e único são alguns dos adjetivos na vida deste músico, que contagia plateias em turnês por todo o mundo, construindo uma carreira de inúmeros prêmios. Nos EUA a imprensa o chama de *Jimi Hendrix do Bandolim*. Hamilton de Holanda compõe e lança discos na mesma velocidade com que dedilha seu bandolim de dez cordas. Depois de três projetos revisitando as obras de Chico Buarque, Milton Nascimento e Jacob do Bandolim, o músico apresenta *Harmonize*, ao lado de Daniel Santiago (violão 7 cordas), Edu Ribeiro (bateria) e Thiago Espírito Santo (baixo). O 38º álbum do artista traz dez faixas autorais e expõe a sua maneira de traduzir ideias musicais e impressões sobre a vida com "o coração na ponta dos dedos".

Natural do Rio de Janeiro e criado na cidade de Brasília, ele começou a tocar aos 5 anos de idade e a se apresentar aos 6. O primeiro bandolim foi um presente do avô materno. Ele não era músico como o avô paterno, que instruiu o pai e irmão de Hamilton a seguirem pelo mundo da arte, mas tinha um motivo especial para presentear o neto com o instrumento. O bandolim fazia perdurar a memória da mulher, uma fã incondicional do choro "Naquela Mesa", que Sérgio Bittencourt compôs em homenagem ao pai, Jacob do Bandolim.



Já a maior influência do artista foi o pai: "Meu pai (José Américo) foi quem mais me incentivou e quem eu vi tocar primeiro. Ele era multinstrumentista e viu que eu tinha facilidade de pegar as músicas de ouvido, mas nunca me obrigou. Ele até achava que eu poderia trabalhar na Marinha, como ele".

Aos 43 anos, Hamilton carrega na bagagem a fusão do incentivo familiar com o bacharelado em Composição pela Universidade de Brasília e a prática das rodas de choro e samba. Essa identidade o permite transitar com tranquilidade pelas mais diferentes formações (solo, duo, trio, quarteto, quinteto, orquestra), consolidando, assim, uma maneira de expor ideias musicais e impressões sobre a vida.

Dezoito anos depois de adicionar duas cordas extras – 10 no total –, reinventa o bandolim e liberta o emblemático instrumento brasileiro do legado de algumas de suas influências e gêneros. O aumento do número de cordas, aliado à velocidade de solos e improvisos, inspira uma nova geração a se aproximar do bandolim e de conceber formações com uma nova instrumentação.

Vencedor do Latin Grammy nas categorias Melhor Canção Brasileira (2015) e Melhor Disco Instrumental com Samba de Chico (2016), Hamilton de Holanda já dividiu o palco com Wynton Marsalis, Hermeto Pascoal, John Paul Jones (Led Zepellin), Milton Nascimento, Chico Buarque, Chucho Valdes, Egberto Gismonti, Zeca Pagodinho, Stefano Bollani, Djavan, Richard Galliano, Marisa Monte, Alcione, Maria Bethânia, Dave Matthews Band e Seu Jorge.



▲ Detalhe de tapeçaria que fará parte da exposição **Fio de Ariadne**. Foto: Jaime Aciofi.



A FUNDAÇÃO IBERÊ REALIZA SEUS PROJETOS ATRAVÉS DE LEIS DE INCENTIVO À CULTURA. EM 2020, AGRADECEMOS O IMPORTANTE PATROCÍNIO E APOIO DAS EMPRESAS PARCEIRAS:

EXPOSIÇÕES



GRUPO **GPS**

EDUCATIVO

IBERÊ NAS ESCOLAS | PORTO ALEGRE

IBERÊ NAS ESCOLAS | GUAÍBA



Prefeitura de Porto Alegre



PATROCÍNIO



APOIO



REALIZAÇÃO



SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA

MINISTÉRIO DA CIDADANIA



CLUBE IBERÊ | SÓCIOS

PATRONO BENEMÉRITO: JORGE GERDAU JOHANNPETER **PATRONO PLATINUM:** EDUARDO MONTEIRO WANDERLEY & SIMONE CADINELLI **PATRONO DIAMANTE:** OLGA VELHO
PATRONO OURO: ANA LOGEMANN - ANNA PAULA VASCONCELLOS RIBEIRO - BETH LOGEMANN - CAROLINE KRELING - CECILIA SCHIAVON - DULCE HELENE GOETTENS - FRANCES REYNOLDS
 GLAUCIA STIFELMAN - JOSE LUIZ CANAL - LIVIA BORTONCELLO - MAIRA CALEFFI - MARIANA HERTZ - PATRICE GAIDZINSKI - PATRICK LUCCHESI - RICARDO MALCON - SANDRA ECHEVERRIA - SILVANA ZANON
PARCEIROS EM COMUNICAÇÃO: ISEND - MACHADO TI - TRADUZCA **PARCERIA EM HOTEL:** PLAZA SÃO RAFAEL - SHERATON PORTO ALEGRE HOTEL **PARCEIROS INSTITUCIONAIS:** IFRS - TECNOPUC